

O patrimônio histórico-cultural e o turismo na Cidade Heróica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade

Historical-cultural patrimony and tourism in the Heroic City of Cachoeira-BA:
potentiality x reality

*El patrimonio histórico cultural y el turismo en la Ciudad Heroica de Cachoeira-BA:
potencialidad x realidad*

Armando Alexandre Castro *

Recebido em 15/04/2005; revisado e aprovado em 20/05/2005; aceito em 18/08/2005.

Resumo: A relevância da indústria turística no mundo contemporâneo é inquestionável. Desde o encontro e (con)vivência de pessoas e culturas díspares, passando pela produção do (re)conhecimento, até às questões econômicas e de sustentabilidade, apresentam a atividade turística como uma das mais significativas plataformas estratégicas de arrecadação de divisas, geração de emprego e outros bens sociais. Os números crescentes, apesar dos incidentes internacionais, reforçam a necessidade do poder público - de qualquer lugar do planeta com potencialidade para esta atividade - alinhar suas diretrizes neste assunto com seriedade e real interesse em suas benesses. No Brasil, a potencialidade para o turismo de alguns municípios que se encontram com suas economias combatidas, parece esbarrar na burocracia, no desconhecimento e na falta de interesse em mudar a realidade.

Palavras-chave: Patrimônio histórico-cultural; turismo cultural; Cachoeira (BA).

Abstract: The relevance of the tourist industry in the contemporary world is unquestioned. Whether it is the convergence of people and cultures, or issues of economic sustainability, it is demonstrated as one of the most significant strategical platforms in delivering economic dividends, employment and social benefits. The increasing numbers, despite international incidents, strengthen the necessity of the public sector - at any place on the planet with potential for this activity - to tack its line of directions in this matter with seriousness and real interest. In Brazil, the potential for tourism in some municipalities with battered economies, seems to drown in bureaucracy and lack of knowledge and interest in changing the current reality.

Key words: Historic cultural landmark; cultural tourism; Cachoeira (BA).

Resumen: La relevancia de la industria turística en el mundo contemporáneo es incuestionable. Desde el encuentro y (con)vivencia de personas y culturas dispare, pasando por la producción del (re)conocimiento, hasta las cuestiones económicas y de sustentación, presentan la actividad turística como una de las más significativas plataformas estratégicas de recaudación de divisas, creación de empleo y otros bienes sociales. Los números crecientes, a pesar de los incidentes internacionales, refuerzan la necesidad del poder público - de cualquier lugar del planeta con potencialidad para esta actividad - hilvanar sus directrices en este asunto con seriedad y real interés en sus ganancias. En Brasil, la potencialidad para el turismo de algunos municipios que se encuentran con sus economías debilitadas, parece toparse con la burocracia, en el desconocimiento y en la falta de interés en cambiar la realidad.

Palabras clave: Patrimonio histórico cultural; turismo cultural; Cachoeira (BA).

1 Introdução

No Brasil, os dados e as estatísticas demonstram que a indústria turística não pára de crescer. O turismo interno/doméstico vem apresentando retas cada vez mais ascendentes, principalmente a partir da desvalorização do real - 1998 -, e dos ataques do 11 de setembro. Entretanto, há a necessidade de uma maior profissionalização do setor, assim como dos administradores públicos perante esta dinâmica e sua demanda. O turismo, principalmente em países com excelentes recursos naturais/culturais - necessários para a atividade turística - e tristes indicadores sócio-econômicos, não pode ser tratado com amadorismo e falácia política.

O presente texto apresenta um pequeno estudo de potencialidade turística versus

realidade, utilizando-se como referência a cidade heróica e histórica de Cachoeira, Bahia, pelo viés do turismo cultural. Para tanto, dentre as várias potencialidades que a localidade oferece, foram selecionadas apenas duas: o patrimônio histórico e o cultural.

A intenção é a de explicitar a riqueza histórico-cultural e a decadência por qual passa a cidade de Cachoeira, além de propor uma reflexão e curiosidade acerca de como os administradores públicos municipais vêm tratando o turismo no Brasil. Vale ressaltar que não há, aqui, generalizações, pois se trata de apenas um município.

Neste estudo, o levantamento de dados e informações foi realizado a partir da análise de fontes primárias e secundárias obtidas no período de janeiro (2004) a maio (2005), para a Dissertação de Mestrado em

* Professor da Universidade Católica de Salvador e Mestrando em Cultura e Turismo - UESC/UFBA. Avenida Carlos Gomes, 400 - Centro - Salvador-Bahia. CEP: 40060-410 (armandoalexandre@uol.com.br).

Cultura e Turismo. Dentre eles, destaque para o IBGE, Bahiatursa - órgão responsável pela atividade turística do Estado da Bahia -, SEI/Ba - Superintendência de Estudos Econômicos do Estado da Bahia -, e Secretaria de Cultura e Turismo do município de Cachoeira.

A atividade turística vem exigindo, há muito tempo, a utilização do conhecimento já produzido e sistematizado, daí a perfeita simbiose que pode ser produzida entre poder público e as universidades/faculdades. O *marketing* e o planejamento turístico são necessários para a formatação do produto como afirma Doris Ruschmann (1997, p. 10)

O planejamento é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado e em harmonia com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando, assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir.

Para fins metodológicos, conceituais e exposição de sua importância, utiliza-se aqui a definição de turismo cultural de Sônia Lucas, na qual

Seja chamado turismo cultural, turismo de patrimônio ou turismo de patrimônio cultural, o fenômeno de viajantes em busca de encontros excitantes e educativos com as pessoas, as tradições, a história e a arte dos povos é uma tendência emergente na indústria do turismo. É uma maneira de atrair mais visitantes de outras nações, assim com satisfazer à crescente demanda do turismo doméstico [...] Mais do que isso, exemplos de todo mundo demonstram que um sistema de turismo cultural no qual as próprias comunidades investem na preservação, no desenvolvimento e na promoção de seus principais sítios históricos e tradições culturais, pode constituir-se em parte de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento sustentável (2004, p. 3).

A estruturação deste trabalho está dividida de forma que o leitor, no primeiro momento, conheça a cidade, sua localização, clima, entre outras. No segundo, evidencia-se o patrimônio histórico (potencialidade I), a importância da cidade junto às lutas pela Independência da Bahia e Brasil. Logo após, apresenta-se parte do patrimônio cultural (potencialidade II), deixando, por demais abastecido em sedução, a instigação, o determinismo de viagem e a curiosidade de quem lá conseguir fincar sua leitura. Por último, após apresentar as duas potencialidades escolhidas para o momento, desnudam-se as estatísticas da cidade de Cachoeira - não pelo

intermédio da tristeza e lamentação, mas como também potencialidade capaz de produzir novas e bem vindas realidades.

2 O locus

A cidade de Cachoeira, de incomparável beleza arquitetônica e importância historiográfica para o país, está situada há 110 Km de Salvador. Atualmente com espaço físico bem reduzido - área de 403 km² -, e com uma população que pouco ultrapassa trinta mil habitantes (IBGE, 2000) é um dos menores municípios do Estado.

Localizada numa região comumente chamada de Recôncavo - que significa fundo de baía, neste caso, a baía de todos os Santos -, foi denominada, inicialmente, de Vila de Cachoeira. Passou à Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira em 1674, uma vez que o número de seus moradores avançava. Em 1693, através da Carta Régia de 27 de dezembro, passou a ser chamada de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. A emancipação política só ocorreu através da Lei Provincial nº 43 de 13 de março de 1837, dada a sua relevância econômica e política à época.

A margeabilidade com o rio Paraguaçu - o maior da Bahia, e que perpassa as regiões da Caatinga, Chapada Diamantina e o próprio Recôncavo -, adquire relevância fundamental no desenvolvimento econômico da cidade, uma vez que suas barcaças, saveiros e vapores, nos séculos XVIII e XIX, perfaziam constantes idas e vindas ao porto de Salvador, que, à época, era o mais importante do Brasil - sendo o porto de Cachoeira o segundo maior do Estado. Some-se, ainda, outros fatores contributivos à progressão sócio-econômica de Cachoeira como o clima e o solo propícios para a plantação de açúcar, viabilizando, assim, a construção de inúmeros engenhos.

A proximidade com o Sertão baiano, o porto atuante, a alta produtividade açucareira, sua localização estratégica ante outras regiões, logo transformariam a cidade de Cachoeira em relevante zona de escoamento de mercadorias. Destaque para o fumo, a mandioca, o algodão, o café, o gado e o principal produto do Brasil colonial produzido na região: o açúcar. A importância

econômica de Cachoeira atraiu a visita dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II.

Por quase um século - segunda metade do século XVIII até meado do século seguinte -, Cachoeira configurou-se como uma das mais prósperas e populosas Vilas do Brasil Colonial. Desta forma, os senhores-de-engenho juntamente com o poder público e eclesiástico empreenderam inúmeras construções arquitetônicas com grande influência barroca, que se constituem como ícones referenciais de grande atratividade turística e de relato de parte da história para os visitantes e população local. São casas, casarios, prédios, igrejas, capelas que desnudam a temporalidade, o espaço e a certa discussão entre preservação e conservação do patrimônio.

O povoamento da cidade de Cachoeira seguiu o mesmo percurso de povoamento do Brasil. De núcleos indígenas logo atacados, conheceu o estrangeiro e o negro violentado e transportado como produto de menos valia. Há, ainda, na cidade histórica, uma grande concentração de negros descendentes dos escravos - fato que torna a cidade como um marco de identidade étnica e de resistência sociocultural. Recentemente - mais precisamente no dia 25 de junho de 2004 -, o governo federal, através da Fundação Palmares e do Incra, certificou, oficialmente, dez comunidades quilombolas existentes no município de Cachoeira¹. As comunidades reconhecidas foram Caonge, Calembá, Engenho da Ponte, Dendê, Engenho da Praia, Caimbongo Velho, Imbiara, Calolé, Tombo e Engenho da Vitória².

A situação de capital da província e a corajosa participação dos cidadãos cachoeiranos na luta de Independência do Brasil e da Bahia conferiu a Cachoeira o título de "Cidade Heróica" e sua conversão em Monumento Nacional ocorreu com o Decreto Presidencial 68.045 de 18 de janeiro de 1971.

Dentre seus filhos mais ilustres, destaque para Maria Quitéria - uma das heroínas nas lutas pela Independência da Bahia -, e Ana Neri, que em 1865, com mais de 50 anos, ofereceu-se para prestar serviços como enfermeira voluntária na Guerra do Paraguai - guerra esta, que tinha seus filhos em algumas frentes de batalha.

3 A cidade heróica (Patrimônio histórico) - Potencialidade I

A Independência do Brasil com a famosa passagem do "Grito do Ipiranga" - 7 de setembro de 1822 - aparece, em boa parte dos livros didáticos, como o fim da submissão nacional às tropas portuguesas, da relação metrópole-colônia, um basta à colonização exploratória e usurpadora - ainda tão evidente no cotidiano e memória nacional.

Formatações à parte, na Bahia, o poderio militar português ainda ocupava espaço e tinha na figura do Brigadeiro Madeira de Mello o representante da mais pura ordem e vontade lusitana. Ou seja, a Independência do Brasil ainda não se constituía uma verdade para todo o território, uma vez que a Bahia, mais precisamente a cidade do Salvador, ainda continuava ocupada.

Os vários confrontos e conspirações contra Madeira de Mello e seu governo na cidade de Salvador resultaram que, segundo o historiador baiano Luis Henrique Dias Tavares (1981, p. 131), "um número apreciável de famílias abandonou a cidade. Iam para o Recôncavo: Santo Amaro, São Francisco do Conde, Cachoeira, Maragogipe..." A esta altura, o Recôncavo e, principalmente Cachoeira, já servia como o foco principal de resistência para os portugueses.

Em 20 de junho de 1822, Madeira de Mello com o intuito de conter os ânimos patrióticos que Cachoeira oferecia, envia uma canhoneira lusitana que fundeia no Paraguaçu. Cachoeira, em 25 de junho de 1822, já sediando o Conselho Interino da Província, reage com extremo patriotismo às investidas ameaçadoras de Lisboa, como descreve Tavares (1981, p. 132)

A 21 de junho há uma reunião de proprietários, lavradores, militares, na qual inventariam armas e munições; em 24 de junho concentram-se soldados e oficiais milicianos sob o comando dos grandes proprietários e coronéis das milícias José Garcia de Moura Pimentel e Aragão e Rodrigo Antonio Falcão Brandão, no sítio de Belém, povoado pouco acima da Vila de Cachoeira. Foram esses que oficiaram convocando uma reunião da Câmara. E reunida às 9 horas da manhã de 25 de junho de 1822, essa Câmara indaga "do povo e tropa" (...) "se erão contentes que se aclamasse a S. A. R. o Sr. D. Pedro de Alcântara, por Regente e Perpétuo defensor e protector do Reino do Brazil". Com a resposta afirmativa, o procurador da vila Manoel Teixeira de Freitas jogou o estandarte da Câmara

para o povo e a tropa reunidos na praça, aparentemente significando que lhes entregava aquele símbolo do poder. Lavrou-se uma ata.

Algumas decisões foram tomadas e, dentre elas, o envio de mensageiros às demais vilas e povoados do Recôncavo, informando-lhes sobre a Aclamação do Príncipe e a situação de batalha em Cachoeira, evidenciada não somente pela canhoneira, mas também pelos portugueses residentes que reforçavam as hostilidades.

Ainda sobre o episódio, escreveu Tavares (1981, p. 132)

Aproveitaram uma “velha peça de ferro” para improvisar a arma com que responderam aos disparos da canhoneira. Também utilizaram *vaivéns* mandados vir dos engenhos. E muito embora fossem precárias, essas armas serviram - e no entardecer de 28 apareceu uma bandeira branca na canhoneira, de onde vieram presos o capitão e 26 marujos.

O Conselho Interino - formado por Cachoeira, Santo Amaro, São Francisco, Jaguaripe, Maragogipe, Inhambupe, Pedra Branca, Abrantes, Itapicuru, Valença, Água Fria, Jacobina, Maraú, Rio das Contas, Camamu, Santarém e Cairu - teve relevante participação política, militar e administrativa ao longo das lutas pela Independência da Bahia. Organizou batalhões, recolheu e distribuiu armas e munições e fincou postos de defesa em vários pontos do Estado.

Após seguidas batalhas entre portugueses e brasileiros, no dia 02 de julho de 1823 adentra por alguns pontos da cidade do Salvador o Exército Brasileiro, ficando esta data reservada para a reverência patriótica dos baianos aos seus ancestrais que lutaram incansavelmente pela Independência. Era a consolidação da separação do Brasil de Portugal, que teve parte de seus embates e resistência na cidade de Cachoeira. Em tempo: Cidade Heróica de Cachoeira.

4 O patrimônio cultural - Potencialidade II

A confluência das culturas indígena, negra e portuguesa - e a imbricação destas e outras tantas - conferiu ao Recôncavo e, principalmente, a Cachoeira, um caleidoscópio cultural de variados matizes e peculiaridades amarradas num ethos repleto de fluxos identitários e auto-afirmativos.

Um destes matizes é o samba em sua vertente mais original: o samba-de-roda.

Baiano, ‘tornou-se’ carioca, e tem, ainda hoje, suas mais puras raízes em cidades do Recôncavo. Atualmente, em Cachoeira, existem dezenas de grupos de samba-de-roda. Em plena atividade, estes conjuntos retratam em suas letras e melodias parte da história que lhes foi passada, via oralidade, pelos antecessores. Ressalte-se, então, que a memória é irrefutável arma capaz de compor e recompor identidades. Essa constitui um capital simbólico a ser oferecido a turistas, visitantes sensibilizados e toda a população residente.

Dentre os grupos, destaque para o samba-de-roda “Suerdieck” - o mais antigo da cidade, fundado na década de 50 (séc. XIX) por Dalva Damiana dos Santos - enquanto charuteira da fábrica homônima -, o “Amor de Mamã”, o “Esmola Cantada”, “Filhos do Caquende”, “Filhos da Barragem”, entre outros.

Do samba-de-roda, seus ritos e gestuais, ressaltam-se a disposição e simpatia dos senhores e senhoras que são fundadores e participantes dos grupos. A senhoridade não afastou o gosto e a necessidade fisiológica da expressão através do corpo, através de músicas e cantigas que retratam temas escravocratas, de relacionamento, de situações engraçadas, de solicitações codificadas, de reza musicada e compassada com o cotidiano de uma gente simples.

Cachoeira oferece uma das mais conceituadas festas de São João do Estado. É iniciada com a tradicional Feira do Porto - tarde do dia 22 de junho -, com gastronomia típica junina e regional, como laranja, milho, aipim, mandioca, amendoim, fubá, bolos e mingaus variados, entre outros. Há, ainda, a apresentação de grupos de samba-de-roda, das filarmônicas da cidade, pau-de-sebo, quadrilhas, casamento na roça e shows de bandas e artistas populares em palco apropriado e com expressiva participação popular.

As duas filarmônicas existentes na cidade são a *Sociedade Orfêica Lira Ceciliana* e a *Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana*, fundadas em 1870 e 1878, respectivamente. Em plena atividade, as filarmônicas apresentam-se em boa parte da vasta programação de festas de Cachoeira e da região. E, em se falando de calendário de festas, a cidade não pode se queixar. Destaque para a Festa do

Divino (maio), São João/Feira do Porto, Festa da Independência (junho), Festa de Nossa Sra. da Boa Morte (agosto), São Cosme e Damião (setembro), Festa de Nossa Sra. do Rosário do Porto de Cachoeira (outubro), Festa de Nossa Senhora da Ajuda (novembro), Festa de Santa Bárbara (dezembro), entre tantas outras proporcionadas pelos inúmeros grupos musicais e terreiros de candomblé lá existentes.

A participação negra no desenvolvimento sócio-econômico-cultural de Cachoeira pode ser constatada em várias dinâmicas ainda desenvolvidas na cidade. Do candomblé, passando pela capoeira, pelo maculelê, até a aceitação do samba-de-roda e do *reggae* como gênero musical étnico e identitário, reforçam o *status* de Cachoeira como uma cidade de grande referencial da negritude – este fato ainda pode estimular e reforçar um tipo de turismo para o local: o turismo étnico.

A secular Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte – confraria de senhoras negras que têm na dupla-pertença³ religiosa uma de suas marcas –, também tem sua sede em Cachoeira. Sua festa, sempre realizada no meio do mês de agosto, atrai pessoas de toda parte do mundo.

A perseguição ao Candomblé na cidade de Salvador – fato esse ocorrido até a década de 70 do século anterior – e a alta concentração de negros escravos direcionados para os engenhos do Recôncavo, proporcionaram a cidades como Cachoeira um número respeitável de terreiros da religião afro-brasileira. A presença de turistas é comumente percebida nas festas realizadas por estas casas religiosas.

Os quatro museus em atividade merecem destaque, não somente pelo que apresentam da história e arte locais, mas também pela beleza arquitetônica de suas construções. O Museu da Casa da Câmara e da Cadeia, por exemplo, localizado na Praça da Aclamação, foi construído entre 1698 e 1712 e sediou o Governo da Bahia na Revolução da Sabinada⁴.

O poeta Damário Dacruz escolheu a cidade de Cachoeira para fixar sua residência. Reformou lentamente um sobrado, ao qual deu o nome de Pouso da Palavra. Inaugurado em 2000, nos dois primeiros anos de

existência já contabilizava a visitação de cerca de 40 mil pessoas, e, vem, segundo Rubens Rocha (2002, p. 83) “se consolidando como ponto de referência da arte contemporânea e de encontro das mentes pensantes e criativas em Cachoeira”.

Sobre o Rio Paraguaçu, Damário Dacruz escreveu: “Esse rio/cabe apenas/nos meus sossegos/Essa água/Acumula nas marés/Os meus segredos/Essa ponte/Junta gente/Separa medos/Essa gente/Mata o rio, a água, a ponte/E os próprios dedos”.

Há, ainda, nas manifestações culturais locais o Terno de Reis, as Cabeçorras, o Bumba meu Boi, o trança-fitas, os Mandus, etc.

Na culinária do Recôncavo baiano, destaque para as mais variadas moquecas, além da Maniçoba – também conhecida em outras regiões do país –, iguaria feita com a folha da mandioca e as carnes que acompanham a feijoada – pode ser apreciada na cidade nos poucos estabelecimentos comerciais existentes.

5 A realidade – Potencialidade III

Mitsu Golias (2001, p. 74), em matéria publicada na revista *Terra* de novembro de 2001, após percorrer sua história e realidade, afirmou: “Duas vezes sede do governo estadual, hoje Cachoeira cochila à espera das verbas de Salvador”. Realmente, é lastimável conhecer a história desta cidade e contrastá-la com seus dias atuais.

Atualmente, o município baiano de Cachoeira ocupa a posição de sexagésimo sexto na economia estadual. A população está dividida entre 50% no meio rural e o restante na cidade. As feiras públicas reservam o grande encontro entre os consumidores e os pequenos produtores locais. O Rio Paraguaçu raramente estabelece ligação entre Cachoeira e Salvador – existem vários acessos rodoviários, tanto pela BR 324 quanto pela BR 101.

A atividade turística ainda é tímida. Seus quatro elementos básicos (OMT, 1998) – oferta, demanda, espaço geográfico e operadoras do mercado –, ainda não conheceram um poder público capaz de produzir formatação para este produto. Nem mesmo o Plano de Turismo do Recôncavo, idealizado pelo governo do Estado na década de 70

(séc. XX), conseguiu alavancar a economia cachoeirana. Poucas e pequenas operadoras disponibilizam este trajeto e, na maioria das vezes, o retorno está programado para o mesmo dia.

A espera e dependência do poder público municipal com relação às verbas do Prodetur são uma constante. Os recursos naturais, as manifestações culturais, a história e todo o enorme e rico acervo arquitetônico citadino vêm sendo submetido às intempéries do tempo e esquecimento, ao passo em que poderia estar sendo “utilizada” – de forma equilibrada e sustentável – junto a projetos turísticos e educacionais.

Parte da população não conhece a riqueza das muitas passagens históricas de seus antepassados. E, com sua economia sensivelmente abalada, “exporta” seus filhos com ímpar regularidade para cidades como Salvador.

Contrário a tudo isto que foi dito neste tópico, a cidade de Cachoeira, anualmente, observa a turistização de uma de suas festas: a Festa da Irmandade da Boa Morte. Tal dinâmica religiosa e profana vem atraindo uma multidão de turistas e jornalistas das mais variadas partes do mundo que vêm conhecer parte do ritual de celebração a assunção de Nossa Senhora aos Céus. O problema, então, passa a ser outro: a falta de infraestrutura receptiva.

O município possui apenas um hotel fazenda (inclusive com turismo rural), quatro pousadas e um hotel – destes, só um é de médio porte. O que torna a hospedagem, nestes dias, para parte da população local que disponibiliza suas residências, uma forma alternativa de renda.

6 Estratégias desenvolvimentistas para Cachoeira

Cachoeira sofreu e sofre com os resquícios dos insucessos administrativos de suas gestões políticas – a gestão atual aqui não está sendo comentada pela brevidade de sua posse. Décadas de abandono, descaso e ausência de políticas públicas exclusivas para Cachoeira, se somaram ao clientelismo politicóide que ainda impera em parte do país. Não bastasse, ainda padece com a falta de conhecimento de algumas ações gover-

namentais. Uma delas – abril/2005 –, que visa a atração de milhares de turistas afro-americanos para o Estado da Bahia, excluiu Cachoeira – de forte herança africana – dos roteiros turísticos⁵.

No âmbito das políticas públicas positivas, o “Projeto Monumenta”, do Ministério da Cultura, tem previsto para investir – e já o vem fazendo – cerca de R\$ 19 milhões na recuperação arquitetônica dos casarios e prédios coloniais de Cachoeira⁶. Parte da cidade que é monumento nacional desde 1971, se encontra em obras.

Ao considerar a atividade turística como estratégica para o desenvolvimento de Cachoeira, através de suas vantagens econômicas e socioculturais, pela vertente – neste momento – do turismo cultural, há de se salvaguardar que esta deve estabelecer significativa influência na sociedade e em seus outros setores. Deve aquecer e estimular a economia local e regional, através das teias produtivas que devem conseguir proporcionar. Ele, por si só, é o que já acontece em festas como a da Irmandade da Boa Morte. Mas é preciso mais que um fato isolado... É preciso desenvolvimento local sustentável que, no primeiro momento, deve ser estimulado por políticas públicas sérias e realmente concentradas em melhorar a qualidade de vida da população.

Aos empregos diretos e indiretos que pode proporcionar, deve-se agregar outros tipos de vantagens. Dentre elas, a sensibilização da comunidade local para a atividade turística como encontro sócio-econômico-cultural relevante, a possibilidade de preservação e interpretação do patrimônio natural, cultural e arquitetônico – para turistas e residentes –, a cidadania e seu exercício inclusivo, etc.

Não se trata, em hipótese alguma, de viabilizar o turismo cultural em Cachoeira, através de suas reconhecidas potencialidades, tendo de submeter seus residentes à atuação falseada de suas passagens históricas. Nem, ainda, a recriação e execução forçada de suas manifestações culturais mais legítimas. Trata-se de um projeto mais amplo, no qual o turismo, o turista, os residentes e os setores público e privado competentes estejam *emancipados* (Krippendorf, 1989). Mais que isso, estimular a chamada cadeia produtiva no turismo.

Deve-se criar e/ou fortalecer o encontro da indústria do turismo – seu *trade* –, o poder público, a comunidade receptiva e as demais organizações civis interessadas, com o intuito de propor fóruns de discussão que auxiliem a utilização – com base sustentável – e preservação do patrimônio a ser visitado. Desta forma, com o sucesso do destino turístico, a população tanto se configura como beneficiada como fiscal de seu acervo – neste caso, sua matéria prima para o turismo como atividade capaz de melhorar os índices de qualidade de vida.

O produto turístico Cachoeira, seja ele cultural, histórico e natural, seja religioso e científico, tem potencialidade, mas esbarra, ainda, na falta de sensibilização e planejamento turístico que alavanque a sua economia e a sociedade.

Ainda assim, cabe a advertência que a cultura pode até ter a sua economia, assim como o turismo ter o seu *marketing*, mas desde que a força da grana que ergue e constrói coisas belas (Caetano, 1978) tenha como responsáveis seres, realmente humanos, que respeitem e compreendam – ao mesmo tempo e sem interrupções –, o silêncio de uma senhora a rezar e os transe extra-corporais de pessoas que – há séculos – vêm amargando o horror de um progresso vazio.

Notas

¹ Quilombolas são os habitantes dos quilombos ou das comunidades descendentes destes.

² Fonte: Jornal *A Tarde*, 27/06/2004, p. 9.

³ Expressão utilizada pelos antropólogos para pessoas ou grupo que freqüentam duas religiões concomitantemente sem nenhum embaraço. No caso

da Irmandade da Boa Morte, as irmãs devem freqüentar a religião católica e a afro-brasileira.

⁴ A Sabinada foi uma revolução separatista ocorrida na Bahia no período regencial. O objetivo era o desligamento do governo provincial da Regência.

⁵ Os destinos oficiais para o turismo étnico até agora anunciados incluem Salvador, Porto Seguro, Lençóis e o Complexo de Sauípe.

⁶ Fonte: Minc.

Referências

ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida e. *Memória topográfica, histórica, comercial e política da Vila da Cachoeira da Província da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia / Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.

BARICKMAN, B. J. *Um contraponto baiano – açúcar, fumo, mandioca e escravidão, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, A. C. C. *A festa e a música na Boa Morte*. 92 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História Social e Educação) – Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2003.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LUCAS, S. M. M. de. *Turismo cultural e desenvolvimento sustentável: Cinco princípios e quatro passos para preservar e desenvolver o patrimônio cultural para o turismo sustentável*. Rio de Janeiro. (No prelo)

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs). *Interpretar o patrimônio – um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG / Território Brasília, 2003.

OMT. *Introducción al turismo*. Madrid: OMT, 1998.

QUEIROZ, Lúcia Aquino de. *Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

ROCHA, Rubens. *A Fascinante Cachoeira – jóia do Recôncavo baiano*. [S.l.: s.n.], 2002.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

